

AS TENTAÇÕES DE JESUS

Após a declaração da filiação divina de Jesus (3:17), Cristo foi levado para o deserto para ser tentado. Geralmente, a tentação ocorre logo após um ponto alto espiritual¹. Essa provação no deserto serviria para testar o caráter de Jesus no momento em que Ele dava início ao Seu ministério. A narrativa responde a pergunta “o que significa ser Filho de Deus?” A verdadeira filiação exigiu de Jesus fidelidade a Deus, submissão a Ele em tudo, independentemente do custo. O escritor de Hebreus disse: “Embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu” (Hebreus 5:8).

A história da tentação de Jesus contém muitas semelhanças com a história de Moisés conduzindo Israel do Egito para a Terra Prometida. Tanto Jesus quanto Moisés foram levados para o deserto (4:1; *Êxodo* 19:1, 2), jejaram por quarenta dias e quarenta noites (4:2; *Êxodo* 34:28; *Deuteronômio* 9:9) e a ambos foram mostrados reinos do alto de uma montanha (4:8; *Deuteronômio* 3:27; 34:1–4)². Contudo, é maior a conexão entre Jesus na tentação e a nação de Israel que vagou quarenta anos no deserto. Douglas R. A. Hare viu a seguinte relação entre a tentação de Jesus e a de Israel:

As três tentações na ordem apresentada por Mateus refletem a ordem cronológica de três provas enfrentadas por Israel. Embora Israel, chamada de “filho” por Deus (*Oseias* 11:1; veja *Deuteronômio* 8:5), fracassou em cada prova, Jesus demonstra ser digno de ser o Filho de Deus reagindo às provas com resoluta fidelidade.³

R. T. France também observou: “O conceito de Jesus como o verdadeiro Israel, já afirmado por Mateus em 2:15, ganha expressão mais completa” nessas tentações⁴.

INTRODUÇÃO (4:1, 2)

¹A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. ²E, depois de jejar quarenta dias e quarenta noites, teve fome.

Versículo 1. Após os marcantes acontecimentos que envolveram o Seu batismo (3:13–17), **foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto**, onde enfrentou a tribulação da tentação. Marcos escreveu: “E logo o Espírito o impeliu para o deserto” (*Marcos* 1:12). Lucas disse que Jesus “foi guiado pelo mesmo Espírito, no deserto” (*Lucas* 4:1).

O verbo “levado” (de ἀνάγω, *anagō*) na descrição de Mateus indica que Jesus saiu do vale do Jordão

¹Robert H. Mounce, *Matthew*, New International Biblical Commentary. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1991, p. 28.

²Graham H. Twelftree, “Temptation of Jesus,” em *Dictionary of Jesus and the Gospels*, ed. Joel B. Green e Scot McKnight. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1992, pp. 824–25.

³Douglas R. A. Hare, *Matthew*, Interpretation. Louisville: John Knox Press, 1993, p. 24.

⁴R. T. France, *The Gospel According to Matthew*, The Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985, p. 97.

para um lugar mais elevado no deserto. Apesar de não sabermos exatamente onde ficava esse deserto, a tradição o localiza em algum ponto da escarpada faixa montanhosa entre Jericó e Jerusalém. O monte mais frequentemente identificado como o local é o monte Quarentena. Localmente apontado como “o Monte da Tentaçao”, ele está situado a pouco mais de dois quilômetros a oeste de Jericó⁵.

O Espírito Santo conduziu Jesus ao deserto para que Ele fosse **tentado pelo diabo**. Dependendo do contexto, o verbo *πειράζω* (*peirazō*) pode sugerir uma “prova, tribulação” ou “tentação, engodo”⁶. Aqui o diabo foi o agente que estava testando e isso indica que Jesus estava sendo tentado para fazer o mal⁷. Embora Deus teste as pessoas, Ele não tenta ninguém a fazer o mal (Tiago 1:13). Ele permite sim que o diabo tente as pessoas, mas Ele sempre provê livramento (1 Coríntios 10:13).

A tentação de Jesus aconteceu em conformidade com a vontade de Deus. Esse encontro com o diabo não foi um encontro casual; ele foi planejado. Satanás sabia onde encontrar Jesus e Jesus sabia que, de alguma forma, Satanás viria até Ele. Era necessário que Jesus fosse tentado a fim de ser provado e aprovado para realizar a obra que Deus havia reservado para Ele⁸ (veja Hebreus 4:15).

O tentador é denominado **o diabo** (*διάβολος*, *diabolos*), um termo que significa “caluniador” ou “acusador”. Em 4:10, Jesus chamou-o de “Satanás” e em Jó 1:6–11, “o adversário” ou “Satanás” foi quem trouxe acusação contra Jó. João disse que ele era “o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus” (Apocalipse 12:10). Ele é Belzebu, maioral dos demônios (Mateus 12:24; Marcos 3:22). Ele é descrito como uma serpente (Gênesis 3:1–5; 2 Co 11:3; Apocalipse 20:2), um “leão que ruge” (1 Pedro 5:8) e “um dragão, grande, vermelho” (Apocalipse 12:3). A Bíblia adverte que ele pode até disfarçar-se de “anjo de luz” (2 Coríntios 11:14). Jesus chamou Satanás de “deus deste século” (2 Coríntios 4:4) e

⁵Jack P. Lewis, *The Gospel According to Matthew*, Part 1, The Living Word Commentary. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1976, p. 67.

⁶Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3d ed., rev. e ed. Frederick W. Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 793.

⁷John MacArthur Jr., *The MacArthur New Testament Commentary: Matthew 1—7*. Chicago: Moody Press, 1985, p. 87.

⁸H. Leo Boles, *A Commentary on the Gospel According to Matthew*. Nashville: Gospel Advocate Co., 1936, p. 96.

“príncipe da potestade do ar” (Efésios 2:2).

Versículo 2. Em preparação para esse encontro com o tentador, Jesus **jejuou quarenta dias e quarenta noites**. Lucas narra isto de maneira mais simples: “Nada comeu naqueles dias” (Lucas 4:2). Esse período de jejum tem equivalentes nas vidas de grandes líderes de Israel no Antigo Testamento. Moisés jejuou quarenta dias e quarenta noites no monte Sinai antes de receber a Lei (Êxodo 34:28; Deuteronômio 9:9; 10:10). Elias jejuou por esse mesmo tempo quando fugia da ira de Jezabel após a derrota dos profetas de Baal no monte Carmelo (1 Reis 19:8). Em cada um desses casos, o jejum foi feito por uma razão espiritual. Fiel a esse padrão, Jesus jejuou contemplando Seu ministério iminente e em preparação para o Seu encontro com o tentador.

O resultado do jejum de Jesus foi que Ele **teve fome**. A fome nos deixa fisicamente fracos, e também nos faz focar a atenção na comida, em detrimento de outras preocupações – incluindo necessidades espirituais⁹. Jesus não só estava faminto, como também estava sujeito aos perigos do deserto. Marcos descreveu Jesus como estando “com as feras” (Marcos 1:13).

A PRIMEIRA TENTAÇÃO (4:3, 4)

³Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães. ⁴Jesus, porém, respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus.

Versículo 3. Apesar de Jesus estar fraco e faminto, Satanás chegou e O confrontou. Mateus retratou-o como **o tentador**, sugerindo que o objetivo dele era persuadir suas vítimas a fazer o mal (veja 1 Coríntios 7:5; 10:13; 1 Tessalonicenses 3:5). Nada no texto indica a forma física, se é que havia, que Satanás assumiu nessa ocasião em particular.

Satanás insultou Jesus distorcendo as palavras que Deus usou para louvá-LO (veja 3:17). Ele disse: “**Se és Filho de Deus...**” O tentador lançou um golpe contra a reivindicação de Jesus. A construção grega permite que se entenda as palavras

⁹Intensas dores agudas de fome já levaram pessoas a fazer muitas coisas irracionais. Uma ilustração espantosa e grotesca é a de uma pessoa comer o próprio filho durante uma fome provocada por um cerco em Samaria (2 Reis 6:28, 29).

de Satanás da seguinte maneira: “Já que você é o Filho de Deus, me mostre o que pode fazer”.

Satanás aproximou-se de Jesus quando Ele estava fisicamente fraco (4:2). Ele procura atacar as pessoas quando elas estão nos momentos mais vulneráveis. Valendo-se na extrema fome de Jesus, ele disse: “...**manda que estas pedras se transformem em pães**”. Pedras eram elementos abundantes no deserto (veja 3:9), e algumas delas podiam ter o formato do pão costumeiramente comido por Jesus (veja 7:9). Transformar pedras em pão era algo fácil para Jesus fazer. Mais tarde, ele transformaria água em vinho, e alimentaria multidões com alguns peixes e um punhado de pães (João 2:6–11; Mateus 14:13–21; 15:32–38). Satanás tentou levar Jesus a duvidar das provisões divinas.

Versículo 4. Em vez de usar Seu poder divino para resistir a essas tentações, Jesus enfrentou-as de uma forma que todo ser humano pode enfrentar – confiando no poder da Palavra de Deus. Ele respondeu essa tentação, como fez com as demais, citando palavras das Escrituras: “**Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus**”. A citação é de Deuteronômio 8:3 na versão da Septuaginta. A passagem refere-se a Deus ensinando seu “filho” Israel (Êxodo 4:22) a depender de Sua provisão (Êxodo 16; veja Salmos 78:17–20). Depois que o povo de Deus saiu do Egito, Ele provou a fé deles permitindo que passassem fome no deserto. Eles reclamaram a Moisés e Arão. Alguns deles até desejaram voltar para o Egito, onde havia alimento diariamente e com regularidade. A despeito da falta de fé, Deus cuidou deles generosamente mandando maná, ou seja, “pão do céu”. Deus estava ensinando Seu povo a confiar nEle.

Jesus, diferentemente do antigo Israel, demonstrou a devida confiança de um Filho de Deus. Ele não reclamou a Deus nem resolveu o problema com as próprias mãos. Ele não explorou o poder do Espírito Santo concedido a Ele no batismo para servir Seus próprios propósitos. Em vez disso, Ele confiou humildemente que Deus cumpriria Suas promessas e proveria tudo para atender Suas necessidades.

Leon Morris afirmou acertadamente que a expressão “nem só de pão viverá” “não nega a importância do pão (na Palestina ele era quase sinônimo de ‘comida’), mas nega que ele seja exclusivamente importante. Uma vida sustentada só por comida

é uma vida muito pobre”¹⁰. Jesus disse: “A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra” (João 4:34). Além disso, Ele ensinou Seus discípulos a não buscar desesperadamente coisas materiais (comida, bebida, roupas), mas a colocar o reino de Deus em primeiro lugar em seus corações (6:31–33).

A SEGUNDA TENTAÇÃO (4:5–7)

5Então, o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o sobre o pináculo do templo **6**e lhe disse: Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito:

Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem;

e:

Eles te susterão nas suas mãos,
para não tropeçares nalguma pedra.

7Respondeu-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus.

Versículo 5. A seguir, o diabo levou Jesus a Jerusalém, que é descrita como a **Cidade Santa** (veja Neemias 11:1, 18; Isaías 48:2; 52:1; Daniel 9:24; Apocalipse 11:2). Foi na época de Davi que Jerusalém tornou-se a capital de Israel. Como tal, ela foi o lugar em que seu filho Salomão construiu um templo sagrado para o Deus vivo. Sendo assim, a presença do próprio Deus a tornava “santa”. No fim de Apocalipse esta linguagem é transferida para a cidade celestial, a nova Jerusalém, onde Deus habitará com o Seu povo (Apocalipse 21:2, 10; 22:19).

Satanás não tinha poder para obrigar Cristo a fazer alguma coisa que Ele mesmo não optasse por fazer. Neste sentido, dizer que Satanás “**o levou**” (veja 4:8) sugere apenas que ele conduziu Jesus àquele lugar e que Jesus voluntariamente cedente com a liderança dele. Nada no texto indica outra coisa senão um meio normal de transporte.

Em Jerusalém, o diabo **colocou-o sobre o pináculo do templo**. O termo “pináculo” (*πτερύγιον*,

¹⁰Leon Morris, *The Gospel according to Matthew*, Pillar Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1992, p. 74.

pterugion) pode ser traduzido mais literalmente por “asa”; refere-se ao ponto mais elevado (“topo”) ou extremidade (“ponta”). A palavra grega *ἱερόν* (*hieron*), traduzida por “templo”, normalmente designa o complexo do templo. A localização exata do ponto em que Jesus estava continua indefinida. Robert H. Gundry enumerou três possibilidades: 1) o pináculo do próprio templo, 2) a padieira da porta de entrada do templo e 3) a extremidade sudeste do pátio externo (o Pórtico Real)¹¹. A terceira opção permitiria a maior queda, “quase sessenta metros até o ribeiro Cedrom”¹². Josefo descreveu a queda:

[O Pórtico Real] merece ser mencionado mais do que qualquer outro ponto abaixo do sol; pois, embora o vale fosse muito profundo e sua base, invisível,... quem olhasse para baixo do cume das muralhas ou dessa altitude, ficaria tonto [com vertigens], ainda que a vista não alcançasse toda a profundidade.¹³

Satanás pode ter levado Jesus ao monte do templo em Jerusalém por causa de uma crença particular sustentada pelos judeus. Uma tradição rabínica posterior diz: “Quando o rei, o Messias, revelar-se, ele virá e se colocará no telhado do templo”¹⁴. A aparição resplandecente faria Israel crer nEle. Gundry, reconhecendo essa crença judaica, escreveu: “Uma vez que o deserto oferecia muitos precipícios para se tirar proveito da providência divina, a escolha do templo implica a demonstração pública de um sinal messiânico”¹⁵. Se Jesus tivesse pulado do templo, William Hendriksen disse que “a cruz teria sido evitada, e a coroa seria obtida sem luta ou agonia”¹⁶.

Versículo 6. Satanás estava insistindo para que Jesus provasse Sua identidade: “**Se és Filho de Deus, atira-te abaixo**”. Em apoio a esse desafio, o diabo citou Salmos 91:11 e 12, onde Deus prometeu enviar **Seus anjos** para resgatar os fiéis: “**Ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te sustentarão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra**”. Morris explicou: “Satanás está

¹¹Robert H. Gundry, *Matthew: A Commentary on His Literary and Theological Art*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1982, p. 56.

¹²Lewis, p. 69.

¹³Flávio Josefo, *Antiquidades* 15.11.5.

¹⁴Pesiqa Rabbati 36; citado em Twelftree, p. 823.

¹⁵Gundry, p. 56.

¹⁶William Hendriksen, *New Testament Commentary: Exposition of the Gospel According to Matthew*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1973, p. 230.

sugerindo que o cuidado dos anjos será tamanho que o menor percalço é quase impossível. Não aconteceria nem de um único dedo tropeçar!”¹⁷ Neste versículo e no relato de Lucas (Lucas 4:10, 11), Satanás é retratado citando as Escrituras. Embora ele tenha citado corretamente a passagem, ele a tirou do contexto.

Versículo 7. Jesus corrigiu esse uso indevido do texto provando com a Bíblia que a passagem tinha o objetivo de encorajar pessoas e jamais de testar a Deus. Mais uma vez, Ele citou Deuteronômio: “**Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus**” (Deuteronômio 6:16). Esta passagem se refere a Israel provar a Deus em Massá, o que está registrado em Êxodo 17:1–7. Quando Israel estava em Refidim no deserto, não encontraram água para beber. Reclamaram a Moisés e colocaram Deus à prova, questionando: “O Senhor está entre nós, ou não?” O lugar veio a se chamar Massá (“Prova”) e “Meribá” (“Discussão”). Ao citar Deuteronômio 6:16, Jesus estava declarando que Ele não colocaria Deus à prova. Ele confiava no Pai e não agiria como Israel agiu¹⁸.

A TERCEIRA TENTAÇÃO (4:8–10)

⁸Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles ⁹e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. ¹⁰Então, Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto.

Versículo 8. Jesus entrou neste mundo para ser Rei sobre o prometido reino de Deus. Para que Deus fizesse isso acontecer, Jesus teria que passar pela cruz. Satanás estava mostrando a Jesus um atalho até a glória: **Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles**. A cena remete à de Moisés subindo o monte Nebo e avistando a Terra Prometida em todas as direções (Deuteronômio 3:27; 34:1–4). A palavra *κόσμος* (*kosmos*) neste contexto poderia indicar o “mundo” num sentido limitado, como ocorre em outras passagens (Romanos 1:8; 4:13; Colossenses 1:6)¹⁹. Neste caso, *kosmos* muito

¹⁷Morris, p. 76.

¹⁸Donald A. Hagner, *Matthew 1–13*, Word Biblical Commentary, vol. 33A. Dallas: Word Books, 1993, p. 67.

¹⁹Albert Barnes, *Notes on the New Testament: Matthew and Mark*, ed. Robert Frew. Filadelfia: S.p., 1832; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1974, p. 35.

provavelmente referia-se somente à Palestina. Alguns, por outro lado, podem querer argumentar que o diabo e Jesus estavam vendo literalmente “todos os reinos” da terra. Se Jesus viu literalmente todos os reinos, alguns dos reinos ou apenas os imaginou com os olhos da mente é de pouca relevância para a ideia principal desta tentação.

Versículo 9. O Antigo Testamento indicava que o Messias reinaria sobre todas as nações (Salmos 2:6, 8; 72:8–11; Daniel 7:14). Todavia, esse governo universal só ocorreria após o sofrimento e a morte de Cristo (28:18; Filipenses 2:8–11). Resumindo, Satanás estava tentando Jesus a tomar o caminho mais fácil. **E lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.**

Como Satanás podia oferecer os reinos do mundo a Jesus? Segundo Lucas, Satanás também disse: “...porque ela [esta autoridade] me foi entregue, e a dou a quem eu quiser” (Lucas 4:6). Se a afirmação do diabo for fidedigna, então é claro que foi Deus quem concedeu a ele uma dose de autoridade sobre o mundo. Essa interpretação concorda com outras passagens que descrevem Satanás dotado de poder limitado como “o princípio deste mundo” (João 16:11) e “o deus deste século” (2 Coríntios 4:4).

Versículo 10. Jesus começou a responder dizendo: **“Retira-te, Satanás!”** Uma expressão semelhante aparece mais adiante em Mateus, quando Jesus disse a Pedro: **“Arreda, Satanás!”** (16:23). Nesta ocasião, o diabo estava usando Pedro para tentar Jesus, procurando persuadi-lo a evitar a cruz. No contexto da tentação, Jesus estava mandando Satanás sair de Sua presença.

Mais uma vez, Jesus respondeu o diabo com uma passagem das Escrituras. Ele citou Deuteronômio 6:13 na versão da Septuaginta: **“Porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto”**. Em cada resposta, Jesus citou o Livro de Deuteronômio. O contexto original desta citação continha uma advertência a Israel. Após o povo entrar na Terra Prometida, seriam tentados a se esquecer de que foi o Senhor quem os abençoou segundo as promessas da aliança dEle. Além disso, eles seriam influenciados a adorar aos deuses dos cananeus (às vezes por causa de vantagens políticas). Deuteronômio 6:14 e 15 diz: “Não seguirás outros deuses, nenhum dos deuses dos povos que houver à roda de ti, porque o Senhor, teu Deus, é Deus zeloso no meio de ti, para que a ira do Senhor, teu Deus, se não acenda con-

tra ti e te destrua de sobre a face da terra”.

Embora o povo de Deus, Israel, tenha falhado repetidamente adorando os deuses cananeus, o Filho de Deus, Jesus, foi inteiramente fiel em Sua devoção ao Pai. Ele recusou curvar-se perante Satanás²⁰. Total comprometimento com Deus foi o caminho que Jesus trilhou até o trono. Morris chamou a atenção para a palavra “só”: “Só é uma palavra importante. Ela está refletindo que, embora Satanás tenha oferecido a Jesus soberania sobre toda a terra se ele o adorasse, Jesus adorou só a Deus e todo o poder do céu e da terra lhe foram conferidos (28:18)”²¹. Cristo teve que levar a cruz antes de receber a coroa. A única maneira de usarmos a “coroa da vida” (Apocalipse 2:10) é seguindo o exemplo de fidelidade de Jesus (1 Pedro 2:21–25).

CONCLUSÃO (4:11)

¹¹Com isto, o deixou o diabo, e eis que vieram anjos e o serviram.

Versículo 11. Após a terceira tentação, em conformidade com a ordem de Jesus (4:10), **o deixou o diabo**. Lucas 4:13 registra que, então, “apartou-se dele o diabo, até momento oportuno”. As tentações no deserto não foram as únicas que Jesus experimentou. Ele foi “tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hebreus 4:15). Satanás tentou Jesus durante todo o caminho até a cruz. Pode ser que Jesus tenha sido também tentado quando uma turba de judeus tentou proclamá-lo rei à força (João 6:15), quando as multidões buscavam sinais (Lucas 11:29) e quando um dos próprios discípulos tentou-o a desviar-se da cruz (16:21–23). Mesmo quando pendurado na cruz, as tentações de Satanás podem ser ouvidas através da multidão que gritava: “Ó tu que destróis o santuário e em três dias o reedificas! Salva-te a ti mesmo, se és Filho de Deus, e desce da cruz!” (27:40). Em sua caça às almas, Satanás é como um animal selvagem que continuamente ataca suas presas (1 Pedro 5:8).

Após Satanás sair, **eis que vieram anjos e o serviram**. O escritor de Hebreus referiu-se a anjos como “espíritos ministradore” (Hebreus 1:14).

²⁰Jack P. Lewis escreveu: “A adoração a homens (Atos 10:26) e a anjos (Apocalipse 19:10) é proibida; quanto mais a do diabo!” (Lewis, p. 70.)

²¹Morris, p. 78.

Certamente eles incentivaram Jesus após Ele ser tentado por Satanás, assim como um anjo fez depois que Jesus orou fervorosamente no Getsêmani (Lucas 22:43).

— LICOES —

EM TEMPOS DE TENTAÇÃO (4:1–11)

Talvez, ao ler o episódio das tentações de Jesus, tenham surgido perguntas sobre Satanás, o jejum e a natureza das tentações. Vejamos de perto esses tópicos estudando Mateus 4:1–11.

Quem é nosso verdadeiro adversário? É importante que estejamos cônscios de quem realmente é o nosso adversário. Satanás é um enganador. Jesus disse que ele era “homicida desde o princípio” (João 8:44). Ele nos engana fazendo o mal parecer bem (Isaías 5:20). Ele chama a pornografia de “arte”, o pecado de “desajuste”, o adultério de um “relacionamento importante”, a homossexualidade de “estilo de vida alternativo” e a ingestão de álcool de “habito social”. Ele usa pessoas para executarem seus feitos tortuosos. Paulo advertiu que seus ministros podem se transformar em “apóstolos de Cristo” e que ele próprio pode se apresentar como “anjo de luz” (2 Coríntios 11:13, 14). Bons oradores podem aglomerar grandes multidões pregando “ensinos de demônios” (1 Timóteo 4:1, 2). Contam mentiras hipocritamente e meias-verdades. Podem pregar amor e unidade enquanto causam ódio e divisão.

E quanto ao jejum? Jejuar é um assunto e uma prática negligenciados pela maioria dos cristãos, ainda que ele seja um tema bíblico ensinado e praticado tanto no Antigo como no Novo Testamento. Jesus jejuou, como vemos neste texto. Ele também incentivou Seus discípulos a jejuarem (6:16–18; 17:21). Saulo de Tarso (Paulo) jejuou (Atos 9:9) e às vezes passou fome por causa do evangelho (2 Coríntios 6:5; 11:27). Paulo deixou implícito que o jejum (talvez mais a abstinência de relações sexuais do que de alimento) era uma boa prática para maridos e esposas observarem (1 Coríntios 7:5). A igreja primitiva jejuava antes de tomar decisões importantes (Atos 13:2; 14:23).

Jesus não prescreveu o jejum aos Seus seguidores como um dever público, mas regulamentou a prática que já era comum entre os judeus (6:16–18). Ele condenou o tipo errado de jejum, porém com certeza não condenou o jejum devidamente praticado. Ele não disse “*se* jejuares...”, mas “*quando* jejuares...” (6:16; grifo meu). Ele também

deixou implícito que Seus discípulos deveriam jejuar assim que Ele voltasse para o céu (9:14, 15; Marcos 2:18–20; Lucas 5:33–35).

O jejum não é um fim em si mesmo; ele evidencia uma atitude mental e uma disposição do coração. Vale a pena avaliarmos o jejum da perspectiva de seus prometidos benefícios. Jejuar pode ser sábio e benéfico em muitas situações:

1. Quando somos tentados, provados ou nos vemos dominados pela tristeza;
2. Quando um cristão se torna ciente de que está ficando indiferente à sua vida cristã;
3. Quando a igreja é bombardeada por problemas;
4. Quando decisões de grandes proporções estão sendo tomadas na igreja, como a escolha de presbíteros ou diáconos ou de um evangelista;
5. Quando se está tomando uma decisão importante na vida pessoal.

Como Satanás nos tenta? Geralmente se diz que Jesus foi tentado da mesma forma como nós somos tentados. Ou seja, Satanás usou as mesmas vias de tentação que ele usa conosco: a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e o orgulho da vida (1 João 2:16; veja NVI). Satanás tentou Eva dessa maneira. Ela foi tentada primeiramente pela cobiça da carne, quando viu que a árvore / o fruto era “boa para se comer”. Depois, ela viu que o fruto era “agradável aos olhos”. E por fim, era “desejável para dar entendimento” (Gênesis 3:6). Jesus foi tentado pela cobiça da carne quando Satanás lhe disse para transformar pedras em pão (Mateus 4:3). A tentação para Ele mesmo se lançar do pináculo do templo era a do orgulho da vida (4:6). Ele foi tentado pelos olhos quando Satanás lhe mostrou todos os reinos do mundo e ofereceu-os a Ele (4:8). Tiago escreveu: “Cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte” (Tiago 1:14, 15).

A tentação é uma experiência comum (1 Coríntios 10:13). Embora tenhamos que lidar com a tentação, não temos que ceder a ela. Podemos resistir da mesma forma que Jesus resistiu, nos armando com a espada do Espírito (Efésios 6:17).

Resumo. Um estudo de 4:1–11 sugere estas lições:

1. Nossa grande adversário, Satanás, é real e incansável.
2. Jesus jejuou, mas condenou o jejum feito para o louvor humano.
3. A tentação em si não é pecado.
4. Satanás nos tenta através da cobiça da carne, da cobiça dos olhos e do orgulho da vida.
5. Podemos vencer a tentação conhecendo e fazendo a vontade de Deus (4:4, 7, 10).
6. A vitória sobre a tentação traz agradáveis benefícios (4:11).²²

CONFRONTANDO A TENTAÇÃO (4:1–11)

A história da tentação de Jesus é mencionada por três escritores do Evangelho (Mateus, Marcos e Lucas)²³. Obviamente, Jesus queria que soubéssemos como Ele enfrentou e venceu a tentação para que também a vencêssemos. Nesta história aprendemos os seguintes fatos sobre a tentação:

A tentação pode vir após um dos momentos mais importantes da vida. Logo após o batismo de Jesus, Ele foi “levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo” (4:1). Do mesmo modo, os momentos de grande alegria espirituais geralmente são sucedidos por períodos tenebrosos de tribulação e tentação.

A tentação geralmente se disfarça em pensamento racional (4:3–10). Satanás tentou fazer Jesus rationalizar Sua situação e tomar o caminho mais fácil. Quando rationalizamos, estamos tentando nos desculpar fazendo o que sabemos que não deveríamos fazer.

A tentação possui uma natureza diabólica. Satanás pode nos seduzir através do desejo pelo poder ou pelo prazer.

A tentação precisa ser enfrentada cara a cara para ser derrotada. Jesus enfrentou Suas tentações intrepidamente com a Palavra de Deus. No fim de tudo, Satanás “apartou-se dele... até momento oportuno” (Lucas 4:13). Tiago escreveu: “Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tiago 4:7).

²²A lista deste resumo foi adaptada de Jack Wilhelm, “Lessons from the Temptation of Jesus”, *RSVP Newsletter* 154–10–83–37 (1983). Usado com a permissão de Jack Wilhelm, P.O. Box 2222, Florence, AL 35630, Estados Unidos.

²³Outros relatos da tentação de Jesus são registrados em Marcos 1:12, 13 e Lucas 4:1–13.

JESUS PODIA SER TENTADO?

(4:1–11)

Não é fácil responder à pergunta se Jesus podia ou não ser tentado. Homens com a mesma formação acadêmica discordam entre si sobre essa questão. A maioria que se opõe à ideia de que Jesus podia ser tentado a pecar responde salientando que a palavra traduzida por “tentado” (*πειράζω, peirazō*) também pode ser traduzida por “provado” ou “testado”.

O escritor de Hebreus disse que Jesus foi “tentado em todas as coisas, porém sem pecado” (Hebreus 4:15). Esta afirmação implica que Ele poderia ter pecado, mas não pecou. Que relevância teria o fato de Jesus não ter pecado, se Ele não pudesse pecar? Não pode haver tentação para pecar quando não há oportunidade para ceder. H. Leo Boles escreveu que a “tentação de Jesus foi tão *real* quanto seu batismo”²⁴.

O problema pode ser resolvido quando entendemos a natureza de Cristo. Jesus era diferente de qualquer outra pessoa que já viveu. Ele era a união do divino com o humano: Filho de Deus e Filho do Homem. Diferente de nós, Ele possuía uma natureza dupla: divina e, ao mesmo tempo, humana. De outra sorte Ele não poderia ter morrido na cruz para nos dar salvação. Uma divindade pode morrer? Jesus de fato morreu; Ele abandonou Sua natureza humana (veja João 10:17, 18; Lucas 23:46). Jesus enfrentou a tentação da mesma forma que nós a enfrentamos hoje, somente com Sua natureza e Sua vontade humana.

AS TENTAÇÕES DE CRISTO (4:1–11)

A voz do céu havia declarado a divindade de Cristo no momento do Seu batismo. O Pai disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (3:17). Logo depois deste tempo, Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto onde foi tentado por Satanás. Jesus provou que era o Filho fiel de Deus diante de cada tentação. Assim, Ele não permitiu que o diabo o desviasse do caminho para a cruz, onde Ele cumpriria a vontade do Pai e Se tornaria o Salvador do mundo.

À primeira vista, as tentações de Jesus podem parecer estranhas à nossa experiência. Não temos o poder de transformar pedras em pão, e provavelmente nunca desejamos pular de um prédio alto ou adorar Satanás. Todavia, como observou Hare:

²⁴Boles, p. 95.

"A tentação básica e fundamental que Jesus tem em comum conosco é a tentação de tratar Deus como menos do que Deus"²⁵. Certamente, todos nós podemos nos identificar com esta luta.

Apesar disso, se olharmos mais de perto para as tentações de Jesus, poderemos encontrar paralelos com a nossa própria situação. 1) Satanás aproximou-Se de Jesus em Sua hora de fraqueza e fome e tentou-O a satisfazer um desejo legítimo de uma forma ilegítima (4:3). Satanás continua a usar a mesma estratégia – seja nos tentando a roubar, fornigar ou alguma outra imoralidade. 2) Satanás tentou Jesus a provar Sua identidade (4:5, 6). Ele ainda apela para o nosso senso de orgulho hoje, nos tentando a provar nossa superioridade sobre os outros ao dizermos coisas ofensivas ou nos aventurarmos a cometer atos insensatos. 3) Satanás tentou Jesus a pegar uma saída mais fácil – ganhar a coroa sem passar pela cruz (4:8, 9). Ele ainda nos tenta a abrir mão de nossos valores éticos, tomando o caminho mais fácil. Pode ser colando durante uma prova escolar, contando uma "mentirinha" ou não cumprindo alguma obrigação.

Assim como Jesus, nós somos chamados para ser filhos fiéis de Deus (veja Gálatas 3:26–29). Diferentemente de Cristo, nós geralmente sucumbimos às tentações que enfrentamos. Felizmente, temos um grande sumo sacerdote que pode "Se compadecer das nossas fraquezas" porque Ele "foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança". Jesus Cristo está qualificado para entrar na presença do Pai em nosso favor porque Ele não tem pecado (Hebreus 4:14–16).

²⁵Douglas R. A. Hare, *Matthew*, Interpretation. Louisville: John Knox Press, 1993, p. 26.

Ihança". Jesus Cristo está qualificado para entrar na presença do Pai em nosso favor porque Ele não tem pecado (Hebreus 4:14–16).

David Stewart

A DISCIPLINA DO SILENCIO E DA SOLIDÃO (4:1–11)

Porque vivemos num mundo agitado e barulhento, precisamos desenvolver a disciplina do silêncio. Às vezes devemos nos retirar intencionalmente do mundo que nos cerca para um lugar onde ninguém esteja falando, e não haja TV, rádio, CD player ou telefone celular. Parece inconcebível que um dia tenhamos vivido sem toda essa tecnologia!

Precisamos aprender a praticar a disciplina da solidão. Precisamos nos recolher num espaço isolado e passar um tempo meditando em assuntos espirituais e em oração sem interrupções.

Por que devemos praticar essas disciplinas? Eis aqui algumas razões:

1. Estaremos seguindo o exemplo deixado por Jesus (4:1; Marcos 1:35; Lucas 4:42).
2. Isto nos aproximará de Deus (Salmos 46:10; Tiago 4:7, 8).
3. Seremos fortalecidos mental, física, espiritual e emocionalmente (Lucas 2:52).
4. Estaremos dedicando um tempo para descobrir a vontade de Deus para nossas vidas.
5. Estaremos mais aptos para enfrentar o desconhecido.

Autor: Sellers Crain
© Copyright 2013 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS